

AMOR EM VERSOS

CONTOS E VERSOS LIVRES

Elenir Alves
ORGANIZADORA

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO, POEMA OU POESIA

Amor romântico com carícias, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 05

Premissa do amar, por Angela Piell, pág. 07

O poeta e a rosa, por Benedito Carceles Tavares, pág. 09

Folia, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 11

A noite que o tempo esqueceu, por Roberto Schima pág. 13

trilho, por Tiago C. Ramazzini, pág. 19

Segredo, por Vânia Perciani, pág. 21

No caramanchel, por Vânia, pág. 23

Conheça outros títulos da coleção, pág. 25

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

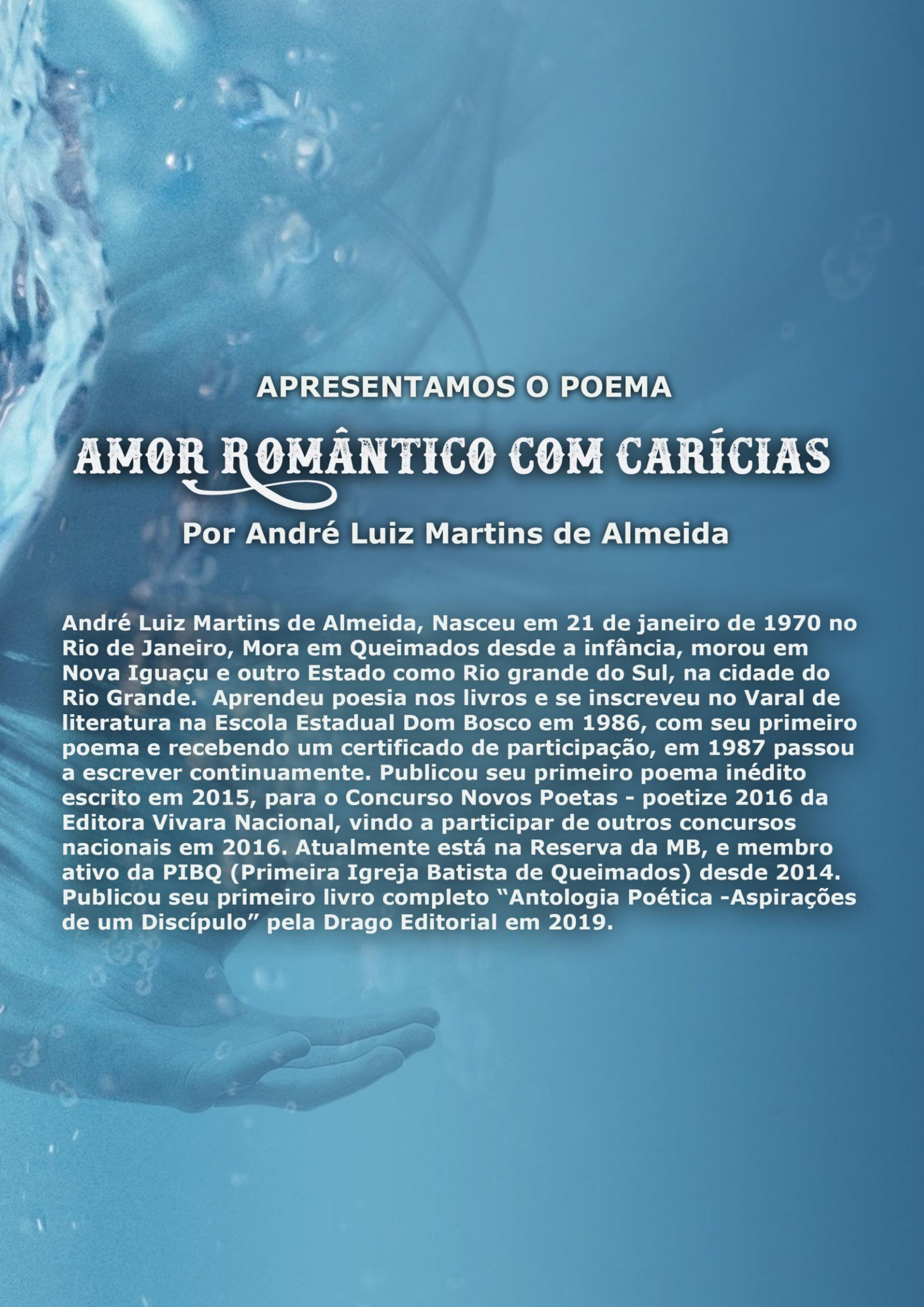
www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



“Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho. Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!”

— Machado de Assis



APRESENTAMOS O POEMA

AMOR ROMÂNTICO COM CARÍCIAS

Por André Luiz Martins de Almeida

André Luiz Martins de Almeida, Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, Mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial em 2019.

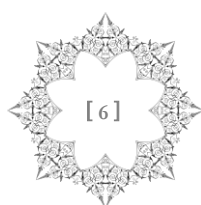
O sexo depende do amor com preliminares.
Não deixe a pressa, o romantismo e as carícias eliminareis,
Pois são passos fundamentais para o amor cultivareis.

O amor romântico com carícias são saudáveis.
Tornam-se parceiros compreensivos e moldáveis.
Aprendam com o tempo e tornem-se estáveis.

As pessoas almejam um amor romântico com carícias.
Relacionamentos duradouros e gozar suas delícias.
Relaxar no sexo com o (a) parceiro(a) e suas perícias.

O amor romântico com carícias nos afasta dos devaneios.
O casal se fortalece e abandona velhos desejos e anseios.
Aconchegue-se com o (a) parceiro(a) com lisonjeios.

Relembre sempre como seu relacionamento foi construído.
Não caia em pecado, para que seja destruído.
O amor romântico com carícias conserva o prazer instruído.



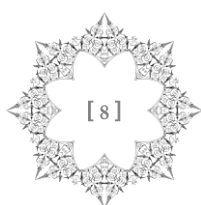
APRESENTAMOS O POEMA

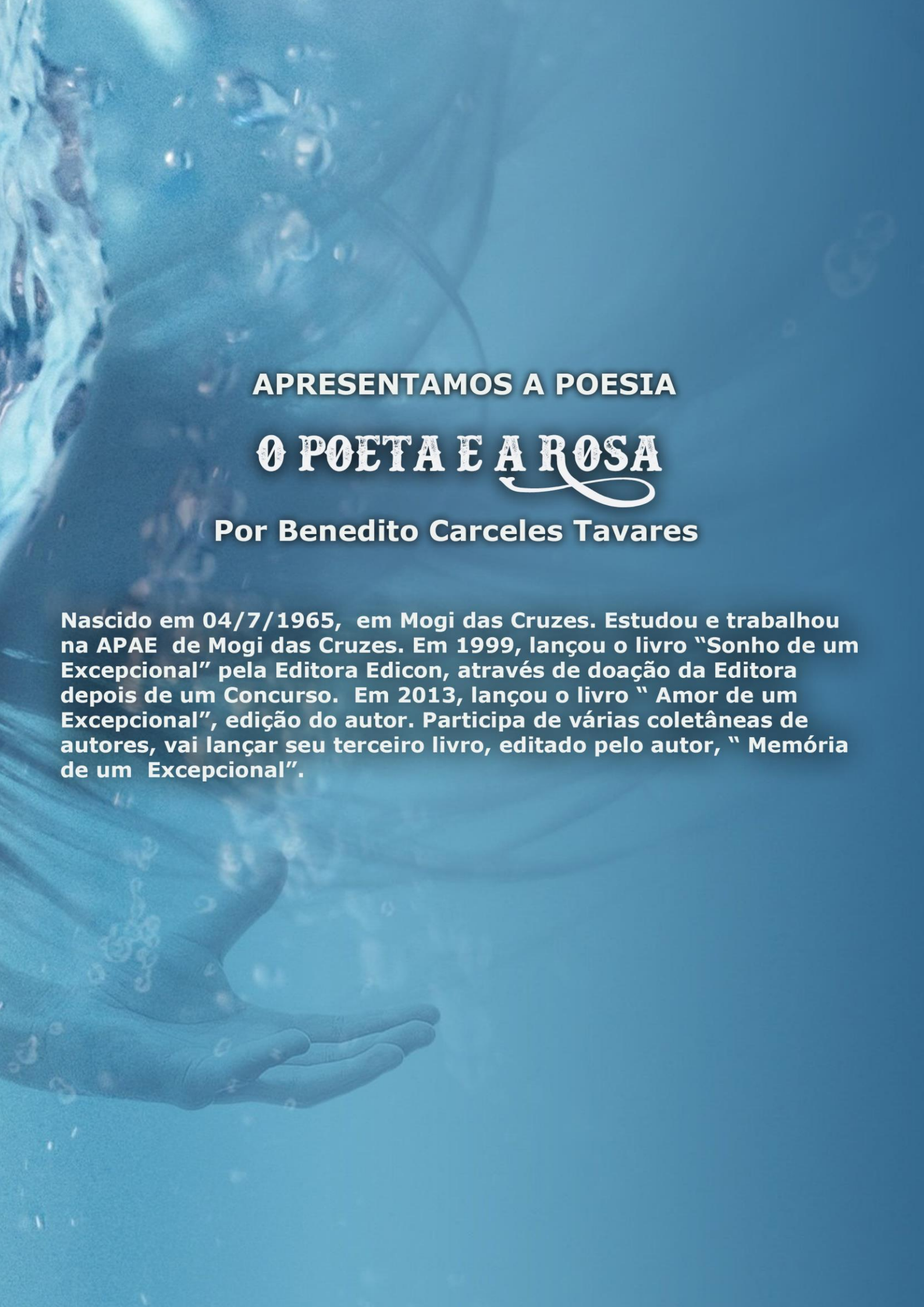
PREMISSA DO AMAR

Por Angela Piell

Formação em Coach Profissional/ IBC Coaching, MBA Gerenciamento Projetos/ FGV/MS, MBA Negócios Financeiros /IAG-PUC/RIO, Certific. Profissional Avançada CPA- 20/AMBIMA, Gestão Competitiva de Clientes do Mercado Atacado/ FIA/Business School -SP, Bacharel Artes Visuais /UFMS. Atua como Gerente de Relacionamento Empresarial no Escritório Atendimento Atacado Curitiba/PR, no atendimento a escritórios negociais e clientes /grupos empresariais das Regiões Sul e Centro Oeste. É mãe, amiga, amada.

Hoje eu e ele tivemos uma conversa:
Perguntei — E se nós brigarmos?
A resposta foi deveras proeminente, embora, incontroversa.
— Como pode supor; ao amor não nos entregarmos?
Foi o que ele me disse sem titubear, firme e pausado na voz.
Essa frase fez-me lembrar o que passamos, até ficarmos unidos.
Tantas ausências e distancias, provocaram uma saudade atroz!
Contudo vencemos os percalços,
E só ao amor isso pode ser atribuído!
Eu sempre indagadora e questionadora, perguntei sobre o nosso futuro.
Enquanto aguardava a resposta numa eternidade de segundos;
Ele respondeu — Ainda não entendeu que seu abraço é o meu porto seguro?
Fiquei tomada de alegria, pela certeza do amor ter unido nossos mundos!
Fica assim, de fácil entendimento, o segredo da existência.
Pois se quisermos algo pra sempre, não podemos ter medo da mudança.
Carinho, perseverança, desejo, despojamento, parcimônia e paciência,
São os ingredientes essenciais, para ter o amor...seu parceiro de dança!



The background of the entire page is a blue-toned photograph of a hand holding water. The hand is positioned in the lower-left quadrant, with fingers slightly curled. Water is being held in the palm, and numerous bubbles are rising from it, creating a sense of movement and freshness. The overall color palette is various shades of blue, from light to dark, giving it a serene and aquatic feel.

APRESENTAMOS A POESIA

O POETA E A ROSA

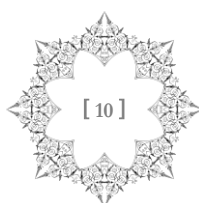
Por Benedito Carceles Tavares

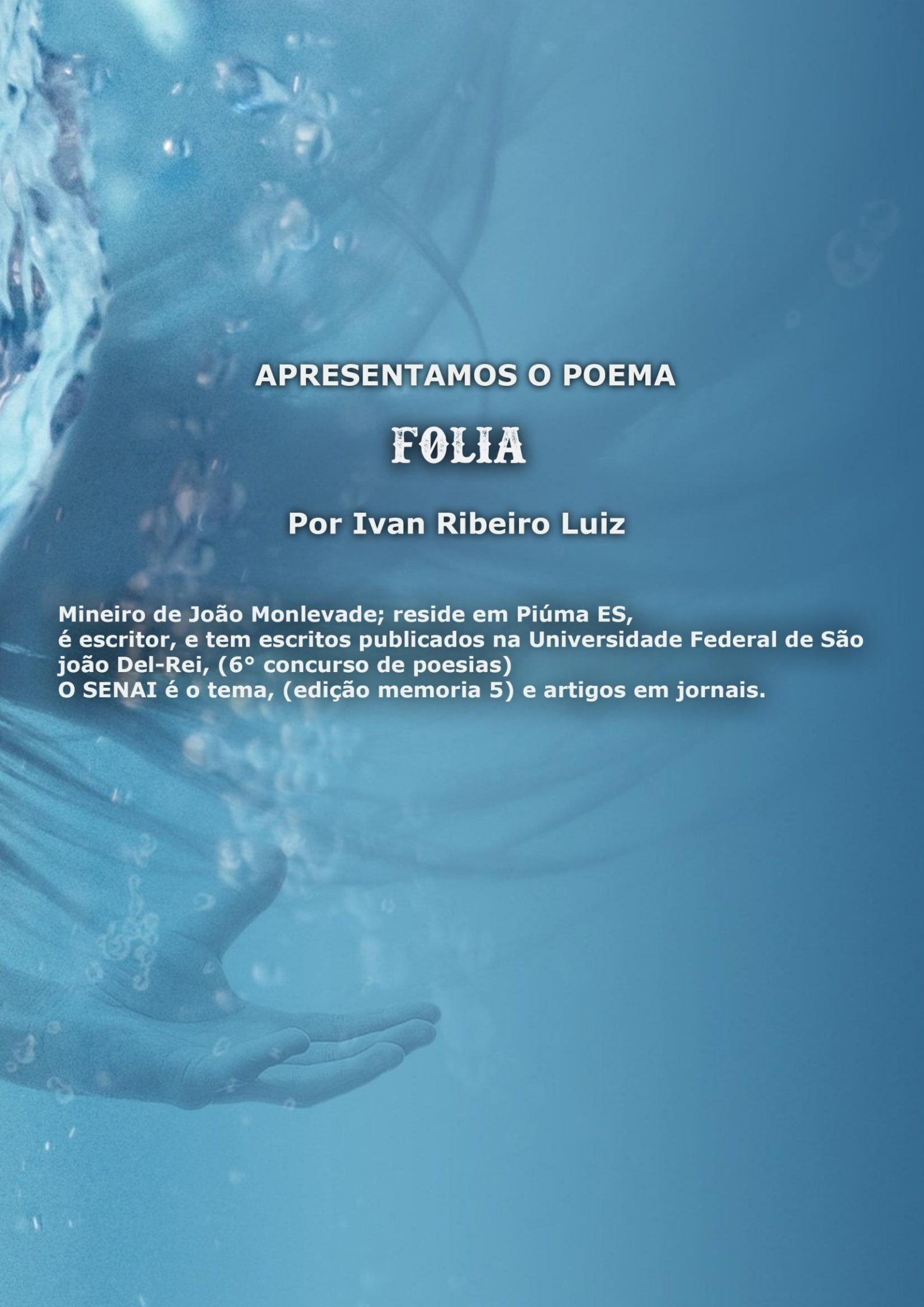
Nascido em 04/7/1965, em Mogi das Cruzes. Estudou e trabalhou na APAE de Mogi das Cruzes. Em 1999, lançou o livro "Sonho de um Excepcional" pela Editora Edicon, através de doação da Editora depois de um Concurso. Em 2013, lançou o livro "Amor de um Excepcional", edição do autor. Participa de várias coletâneas de autores, vai lançar seu terceiro livro, editado pelo autor, "Memória de um Excepcional".

A delicadeza e a beleza das rosas
são coisas prazerosas,
cheias de virtudes e charmosas.
Tudo isso chamou atenção deste poeta...

O amor desta formosa,
tem muito haver com uma rosa,
ela é muito cheirosa,
é ele que acalenta este coração poético.

O poeta viu na morena,
as qualidades de uma flor
perfumada, suave,
dengosa e sensível, o próprio amor.



The background of the entire page is an underwater scene. A hand is visible on the left side, reaching upwards towards the surface. Bubbles are scattered throughout the water, creating a sense of depth and movement. The overall color palette is a range of blues, from light to dark.

APRESENTAMOS O POEMA

FOLIA

Por Ivan Ribeiro Luiz

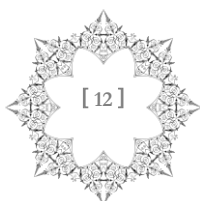
**Mineiro de João Monlevade; reside em Piúma ES,
é escritor, e tem escritos publicados na Universidade Federal de São
João Del-Rei, (6º concurso de poesias)
O SENAI é o tema, (edição memória 5) e artigos em jornais.**

Vamos brincar e iludir
deixar as magoas lá fora ficar
que quando o samba surgir
no compasso do enredo quero estar.

Quero esquecer a fome que passei
do ofício que não encontrei
da fantasia que não comprei
e da angústia que lá deixei.

Quero da vida este momento viver
e nos braços da alegria em êxtase prender
pois na sombra da paixão posso envolver
e no cálice dos desejos prisioneiro perder.

Só quero com todo mundo vibrar
que a folia do carnaval vai voltar
e quando esta pandemia acabar
na realidade sei que posso encontrar.



APRESENTAMOS O CONTO

A NOITE QUE O TEMPO ESQUECEU

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual passou a colaborar desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cem antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Foi em meados de um inverno muito frio. A noite havia caído e, através da vidraça, eu percebia o insinuar do vento através dos galhos das jovens araucárias. As luzes amarelas dos postes não conseguiam sobrepujar a escuridão. Com o rosto encostado no vidro, sentia o gelado do ar em minha testa, nariz e bochechas. O vidro era uma barreira entre mim e os mistérios da noite a perambular nas ruas, praças e becos.

O mundo era grande e mágico aos olhos de uma criança.

Às vezes, metia medo; noutras, fascinava.

Eu nunca vira neve até então.

Naquela noite, porém — devido às mudanças climáticas diriam uns, pelos poderes de fadas e magos diria eu —, o céu escuro a fez verter das alturas feito gotas de algodão.

Fiquei maravilhado.

— MÃNHÊÊÊ! PAIÊÊÊ! — gritei.

Eles também se surpreenderam. Então, diante de meus olhos, vi acontecer outro tipo de mágica: transformaram-se em crianças. Seus sorrisos, suas vozes encantadas, seus gestos de deslumbramento. Nunca imaginara que tal coisa pudesse existir dentro deles, cujas personalidades normalmente eram sérias e práticas, sem lugar para a poesia.

— Podemos sair para ver? — perguntei, temendo um não.

— Claro! — respondeu minha mãe. — Mas deixa eu cobrir você. Tá muito frio!

Era uma vila tranquila e, em geral, todos conheciam uns aos outros. A maioria teve a mesma idéia, afinal, quando na vida teriam outra oportunidade como aquela?

Neve!

Sai de pulôver, casaco, capuz, luvas, calça de pijama, calça de passeio, duas meias em cada pé e botas. Mal conseguia me mover. Devia me assemelhar a um pinguim caminhando na Antártida. Todavia, não me queixei, afinal, a magia branca a cair do céu preto era maravilhosa demais para que qualquer coisa me desanimasse.

A neve caiu sobre meu rosto. Abri a boca. Depois de algum tempo, fiquei um pouco frustrado por não sentir gosto algum. Talvez esperasse algo como *chantilly* ou

açúcar de confeitiro. Ah, inspirei fundo e trouxe a noite, o inverno e a neve para dentro de mim!

De súbito, tive uma ideia que vira num desenho animado.

Eu nunca sentira tanto frio na vida, mas tamanha era a minha felicidade que não me detive por isso. Ajoelhei-me e comecei a juntar montinhos brancos, formando um monte maior. Queria fazer um boneco de neve. Às vezes, olhava ao redor, procurando por meus pais. Eles pulavam e riam, jogavam bolas de neve um no outro, momentaneamente livres de contas a pagar e sonhos desfeitos. Eu nunca os vira tão animados. Pensei que fazia parte do feitiço da neve também. Desejei que a neve nunca deixasse de cair.

Foi quando surgiu uma menina. Tossiu e disse:

— Posso brincá com você?

Sim, em geral, os vizinhos conheciam-se uns aos outros. Eu sabia que ela morava do outro lado da rua, numa casa modesta. Nunca tivera oportunidade de conversar com ela. Sua família era bastante pobre e, talvez por isso, pouco se relacionasse com as demais famílias, optando por ficar isolada dentro de casa das vezes que não saíam para trabalhar. Mesmo agora, com a neve, seus pais não vieram para fora, preferindo observar através da janela. Meu pai dizia que eram orgulhosos demais para pedir favor. Talvez o orgulho fosse a única riqueza com a qual pudessem contar.

— Pode — falei, sem acreditar.

Eu observara essa menina, não uma, mas diversas vezes. Fiquei hipnotizado. Ah, se ela soubesse... Se tivesse dito para eu mastigar pedra tê-lo-ia feito, pois, embora criança, de um oceano inteiro de distância representado pela rua, eu já a admirava, espremendo meu nariz no vidro enquanto ela ia sozinha na padaria.

Agora, queria perguntar seu nome, contudo, a timidez me impediu. Desinibição nunca fora o meu forte. Entre a molecada eu era tido como um caladão esquisito.

De soslaio, olhei para ela e seus cabelos cacheados ao vento.

Ela me fitou direto nos olhos e sorriu.

Fiquei todo retraído, mas aquecido por dentro.

Porém, percebi que suas roupas não eram adequadas o suficiente diante do frio. Usava somente uma blusa de lã vermelha, gasta nos cotovelos. Não tinha gorro nem luvas. Em vez de calçados apropriados, sandálias.

Esforcei-me por perguntar:

— Não tá com frio?

— Tô feliz.

Não era bem a resposta que eu esperava. Não insisti. Como seus olhos brilhavam!

Assim, juntos por obra de uma noite mágica, do inverno, do céu e da neve, erguemos com nossas mãos pequeninas um boneco de neve. Ele era tão perfeito quanto as garatujas que crianças de cinco anos rabiscavam no papel e diziam ser o papai. Se me afirmassem isso, eu ficaria ofendido, magoado de verdade, afinal, parecia-me um boneco muito bom, o melhor do mundo. E eu já contava oito anos!

Enquanto a menina finalizava a obra, corri para casa.

— Vô pegá azeitona pros olhos e cenoura pro nariz!

Ela sorriu, esquentando-me outra vez por dentro.

Não tinha cenoura, então, trouxe uma mandioquinha. Além disso, pegara um vidrinho com tampa. Sem que ela percebesse, apanhei um montinho de neve que ela acabara de grudar no boneco. Enfiei o máximo que pude dentro do vidro, fiz força para fechar a tampa e guardei no bolso do casaco.

— Tá pronto! — falou ela, contente.

Vi-a tossir e esfregar as mãos pequenas.

Eu quis perguntar outra vez, devia ter perguntado.

Em vez disso, admiramos nosso boneco, inflados de orgulho.

Pensei comigo diversas frases e expressões para demonstrar minha felicidade e gratidão por sua ajuda, seu sorriso, seu calor. O melhor que pude fazer foi bater palmas. Saltitamos e gritamos ao redor do boneco feito crianças que éramos e em meio às crianças que os adultos tinham se tornado.

Algum tempo depois, sua mãe abriu a janela e gritou para ela entrar em casa. Por causa do vozerio de meus pais e dos vizinhos, bem como o vento através dos pinheirais,

não entendi o nome. Eu estava prestes a perguntar a menina qual seria quando ela, sorridente e de bochechas vermelhas, ergueu sua mão pequena e acenou-me.

— Tchau! — falou, correndo e agitando os cachos castanhos.

Sumiu no vento, na neve, na noite escura.

— Tchau — respondi, mas ela não me conseguiu escutar.

Quando amanheceu no dia seguinte, a neve havia derretido e transformado a rua sem asfalto num lamaçal. O dia estava nublado, frio, cinzento e assim continuou, chovendo vez ou outra num crepitar tristonho.

Através da janela, tentei achar o boneco, mas só vi a mandioquinha e as azeitonas espalhadas e pisoteadas na rua.

Procurei a casa dela do outro lado, mas a bruma só permitiu ver silhuetas difusas. Mesmo após o nevoeiro ter ido embora, tudo o que avistei foi a casa simples de alvenaria completamente fechada, inclusive as janelas. Não vi mais movimento por lá. Nunca mais encontrei a menina depois daquela noite de neve. Então, foi assim que a batizei: Neve.

Soube mais tarde que ela apanhara uma gripe, a qual progredira para pneumonia e, por fim, tuberculose. Eram nomes difíceis para mim. Tudo o que entendi era que ficara doente, como da vez que eu apanhara catapora, outro nome complicado para significar febre, remédios e cama.

Neve morreu durante o final do inverno, quando as noites eram mais gélidas e estreladas, e a Lua cobria os telhados em mortalhas de prata.

Fiquei com um aperto enorme no peito. Na época, não soube explicar. Meus pais — adultos de novo — estranharam minha quietude além da habitual. Limitei-me a dar de ombros e me esconder no quarto junto aos carrinhos, soldadinhos e blocos de montar.

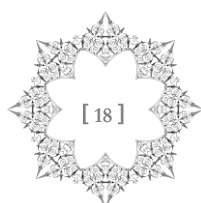
Quanto ao vidrinho, tudo que o restara dentro dele fora um punhadinho de água. Qualquer um diria se tratar de uma besteira, todavia, conservei-o durante o restante dos anos da infância, da adolescência, da juventude. Mesmo depois de adulto, quando já formara minha própria família e meu filho de oito anos brincava de *videogame*.

Não era só um tiquinho de água.

Era a magia feita de alegria e sorrisos.

Era ela, minha vizinha do outro lado da rua.

Era a neve daquela noite que o tempo esqueceu.





APRESENTAMOS A POESIA

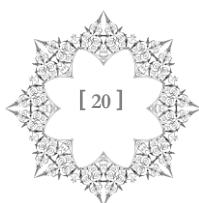
TRILHO

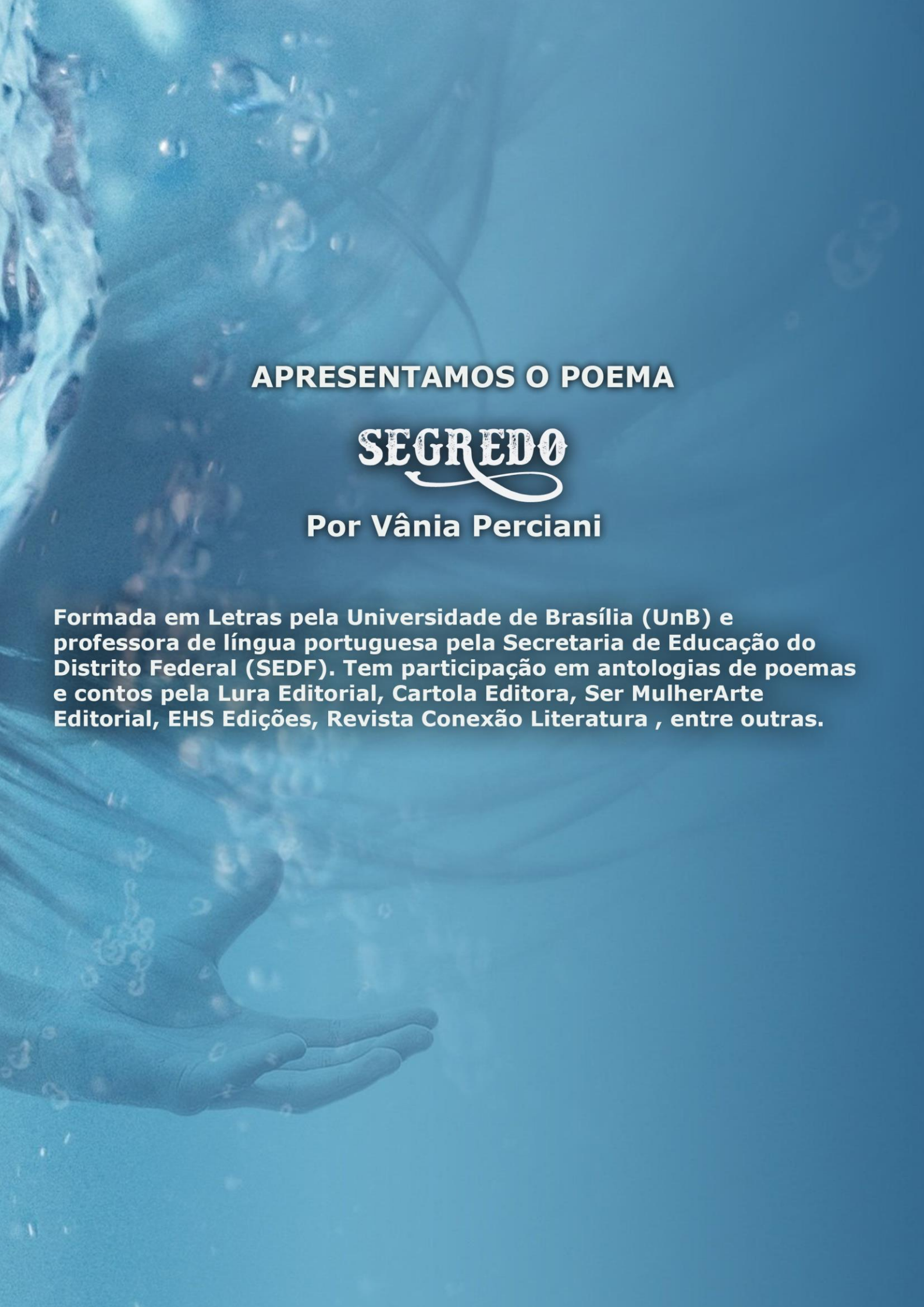
Por Tiago C. Ramazzini

O autor aos 38 anos passa a buscar a divulgação do trabalho que por muito estava entre alfarrabios, trazendo uma miscelânea de versos que transitam entre o local e o externo, entre a esperança e o amor, entre o tempo e as fabulas. Hoje domiciliado em Glorinha/RS, casado, com duas filhas, escrevendo sobre a saúde masculina no Jornal de Glorinha/RS, busca uma produção literária com pluralidade, a fim de proporcionar uma liberdade dos sentimentos que despontam conforme a informação visual recebida, sendo que, após a paternidade, o sentimento vem avolumando a cada dia e cada olhar de suas pequenas margaridas.

Estirpe o costume antigo,
Vultoso amor visceral,
Carinho fundamental,
Aprendi tanto contigo,
Tu foste meu grande amigo,
Destino nos golpeou,
E tão cedo te levou,
Rumando a estância do além,
Ficou a saudade refém,
Vida precoce ceifou.

Todo carinho e legado,
Venho pedindo carona,
Juntamente a esposa mãezona,
Que eu possa ser um pai honrado,
Como tu foste meu amado,
Aprendi sendo seu filho,
Quero ser rima e estribilho,
Grato. Mas saudade dói,
Límpido exemplo, meu herói,
Meu grande amor, sigo o trilho.





APRESENTAMOS O POEMA

SEGREDO

Por Vânia Perciani

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tem participação em antologias de poemas e contos pela Lura Editorial, Cartola Editora, Ser MulherArte Editorial, EHS Edições, Revista Conexão Literatura , entre outras.

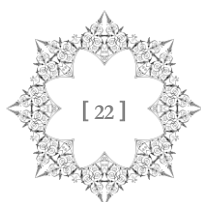
A tarde ajustara o relógio.

Sonhava!

O vento soprou.

Escondidas no tempo,
nossas mãos se falaram.

O dia fez-se azul.





APRESENTAMOS O POEMA

NO CARAMANCHEL

Por Vânia Perciani

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tem participação em antologias de poemas e contos pela Lura Editorial, Cartola Editora, Ser MulherArte Editorial, EHS Edições, Revista Conexão Literatura , entre outras.

Um menestrel canta,
faísca flamula!

Moça sorri à janela.

O vento encorpa,
o seio estremece!

Moça suspira à janela.

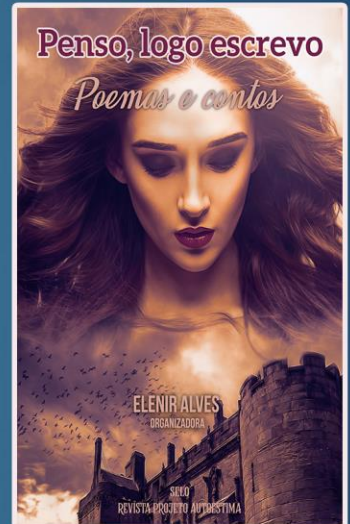
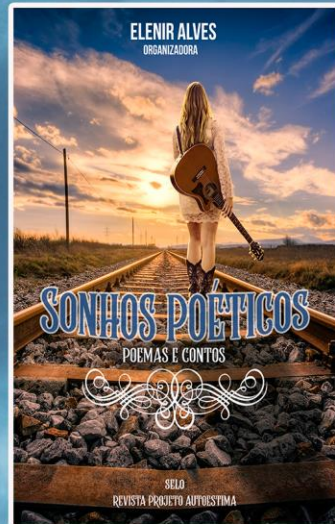
O louco improvisa,
escala a janela!

Era a cheia da lua
No corpo do céu?

Janela se fecha.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI